

“Revista Brasileira”

Odilon Nogueira de Matos

O nome “Revista Brasileira” é de muita significação em nossa vida cultural, especialmente literária. Fundada em 1857, em substituição à revista “Guanabara”, circulou até 1861, com apenas onze números; era dirigida pelo Conselheiro Cândido Batista de Oliveira e estampou colaborações de Fernandes Pinheiro, Freire Alemão, Joaquim Norberto e Araujo Porto Alegre, entre outros. Ressurgiu em 1879, na forma de quinzenário, circulando até 1881, colaborando em suas páginas a nata da intelectualidade da época; inclusive Silvío Romero, Araripe Júnior, José Veríssimo e Machado de Assis; ressurgiu mais uma vez no fim do século, sob a direção de José Veríssimo. Mais de trinta anos depois, Batista Pereira utilizou seu título para a publicação que circulou entre 1934 e 35, com apenas nove números, assinalados como “quarta fase” do histórico periódico. Bem mais tarde, ressurgiu uma quinta e sexta fases, esta última sob a responsabilidade da Academia Brasileira de Letras.

Na fase Batista Pereira, a “Revista Brasileira” diferia substancialmente das demais fases tanto anteriores como posteriores, todas de tendência acentuadamente literária; apresentava-se, nesta quarta fase, como “síntese do pensamento contemporâneo”, constando de diversas seções: Política Interna, Política Externa, Economia, Arte etc, às quais não faltava excelente colaboração brasi-

leira e estrangeira. Assemelhava-se muito a “Le Mois”, famosa revista francesa daquela época, de tanta penetração no Brasil.

Pretendia Batista Pereira que cada volume da sua “Revista Brasileira” publicasse um livro completo, obviamente um livro de pequenas dimensões. E começou justamente com a reedição de uma obra de sua própria autoria: “O Brasil e o Anti-Semitismo”, publicada originalmente em 1932 pela Editora Guanabara. Trata-se de um libelo, talvez o mais incisivo de quantos se escreveram no Brasil, sugerido pelas perseguições aos judeus ocorridas com a ascensão do nazismo na Alemanha; porém inicia-se o livro recordando o famoso “Affaire Dreyfus”, pelo qual tanto se empenhou Rui Barbosa, como é sabido. Mais dois pequenos livros foram publicados pela “Revista” na fase Batista Pereira: o memorial do General Bertoldo Klinger, de muito interesse para a história da Revolução Constitucionalista de 1932; e o relato sobre o Brasil, deixado por um jovem diplomata, Henri Allizé, que por aqui andou a passeio, no fim do Império. Seu valioso relato nunca foi publicado na língua original. Só existe na edição que Batista Pereira faz inserir em sua preciosa “Revista Brasileira”. Talvez por isto mesmo, seja tão pouco conhecido, a ponto de nunca o ter visto citado em qualquer bibliografia estrangeira sobre nosso País.

“Correio Popular” - 4-II-1984

CMP J. 2. 2. 195